

CORPOS, PRÁTICAS CULTURAIS E ATIVISMO: DUAS EXPERIÊNCIAS DE INCIDÊNCIA POLÍTICA DO MOVIMENTO DE PROSTITUTAS NO BRASIL

BODIES, CULTURAL PRACTICES, AND ACTIVISM: TWO EXPERIENCES OF POLITICAL ADVOCACY BY THE SEX WORKER MOVEMENT IN BRAZIL

Tiago Luís Coelho Vaz Silva*

RESUMO

Este artigo tem como propósito abordar duas estratégias de incidência política adotadas pelo movimento de prostitutas no Brasil na luta por direitos e cidadania das trabalhadoras sexuais: o *desfile Daspu* e o *Putá Dei*. A pesquisa adotou um enfoque etnográfico por meio da observação participante, sendo conduzida tanto em ambientes presenciais quanto virtuais, acompanhando as trabalhadoras sexuais em seus trânsitos, fluxos e ações. A dimensão político-estética-comunicativa tem se constituído como uma estratégia expressiva para a incidência do movimento de prostitutas no país, e através dessas duas políticas culturais tem expandido a comunicação de seus princípios e de suas demandas a um público amplo e diversificado, permitindo ampliar o seu campo de atuação e potencializar coalizões junto a outros movimentos sociais. Desfile Daspu e Putá Dei desafiam o estigma e a discriminação sobre a prostituição de maneira criativa e irreverente por meio da interseção entre arte e política, fortalecendo a agenda de direitos e o protagonismo das trabalhadoras sexuais no debate público.

Palavras-Chave: Movimento de Prostitutas; Incidência política; Daspu; Putá Dei; Brasil.

ABSTRACT

This article aims to examine two political advocacy strategies adopted by the sex worker movement in Brazil in the fight for rights and citizenship for sex workers: the Daspu parade and the Putá Dei initiative. The research employed an ethnographic approach through participant observation, conducted in both physical and virtual environments, following sex workers in their movements, flows, and actions. The political-aesthetic-communicative dimension has emerged as an expressive strategy for the activism of the sex worker movement in the country, and through these two cultural policies, the movement has expanded the communication of its principles and demands to a broad and diverse audience, thereby broadening its scope of action and strengthening coalitions with other social movements. The Daspu parade and the Putá Dei initiative challenges the stigma and discrimination surrounding prostitution in a creative and irreverent way through the intersection of art and politics, strengthening the rights agenda and the protagonism of sex workers in the public debate.

Keywords: Sex Worker Movement; Political Advocacy; Daspu; Putá Dei; Brazil.

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente da Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: tiago.vaz@uepa.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1630-6912>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5025462673753937>.

1 INTRODUÇÃO

O movimento organizado de prostitutas no Brasil tem origem no final década de 1980 e início dos anos 1990 com a criação, por exemplo, da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP) e do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC). Desde então, o Movimento tem se constituído como agente político significativo na reivindicação de direitos, assumindo papel de destaque no combate a violência policial contra as prostitutas e no enfrentamento a epidemia de HIV/Aids no país; bem como para a inclusão da categoria “profissionais do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ainda que isto não represente uma regulamentação laboral das relações trabalhistas para o segmento (OLIVAR, 2013; SKACKAUSKAS, 2014; VAZ SILVA 2021).

Regulamentação laboral pretendida por meio do Projeto de Lei Gabriela Leite¹ e que parece estar cada vez mais distante² em uma conjuntura política e econômica desfavorável, em decorrência do recrudescimento conservador presenciado na última década, marcado por um forte discurso securitário e por práticas moralmente reguladoras e intolerantes socialmente; além do avanço de políticas neoliberais e medidas de austeridades implementadas pelo Estado brasileiro, em um cenário de retirada de direitos trabalhistas ampliando a flexibilização por norma coletiva e a terceirização (VAZ SILVA, 2021).

Não obstante, o movimento de prostitutas no Brasil tem investido em outras trincheiras como estratégia de reconhecimento da sua luta por direitos sexuais e trabalhistas, além de mitigar o estigma sobre a prostituição ao ressignificar o ativismo político de maneira criativa e lúdica, através das políticas culturais do desfile Daspu e do Puta Dei, a fim de dar visibilidade aos seus princípios e demandas a um público mais amplo e diversificado. Essas duas políticas culturais são expressão da autodeterminação do movimento de prostitutas no país, ao fomentar a afirmação identitária e a resistência a padrões de moralidade e políticas repressivas, fortalecendo a agenda de direitos e o protagonismo das trabalhadoras sexuais no debate público.

¹ Gabriela Leite foi a maior liderança do movimento de prostitutas no país, sendo uma das fundadoras da Rede Brasileira de Prostitutas, no Brasil. A partir de sua militância, o termo “puta” passou a designar uma postura de enfrentamento ao estigma, contribuindo para a construção de uma identidade que pudesse fortalecer a luta por direitos e cidadania das prostitutas; além de problematizar não apenas o lugar relegado a trabalhadoras sexuais, mas também o de todas as mulheres na sociedade brasileira. Ela faleceu em outubro de 2013 aos 62 anos de idade.

² Com a renúncia de Jean Wyllys do cargo de deputado federal, o PL Gabriela Leite foi arquivado em 31 de janeiro de 2019. Eleito para terceiro mandato consecutivo como deputado federal pelo PSOL-RJ, Jean Wyllys renunciou ao cargo sob alegação de não se sentir seguro no Brasil diante de tantas perseguições e ameaças de morte, que se intensificaram após o assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ).

Este artigo discorre sobre o desfile Daspu e o Puta Dei, enquanto dimensões político-estética-comunicativa do movimento de prostitutas no Brasil que visam promover o protagonismo das trabalhadoras sexuais no debate público sobre prostituição na luta por direitos e cidadania³. Ao longo do texto veremos como a incidência gerada por essas duas políticas culturais contribuem para expandir a comunicação das pautas do Movimento, possibilitando ampliar tanto o seu campo de atuação, quanto à capacidade de estabelecer coalizões junto a outros grupos da sociedade civil. Vale destacar que a pesquisa privilegiou o trabalho de campo multissituado com abordagem etnográfica e observação participante, tendo sido realizado em ambientes presenciais e virtuais, acompanhando as trabalhadoras sexuais em seus trânsitos, fluxos e ações, o que permitiu compreender diferentes aspectos, dinâmicas e nuances do ativismo do movimento de prostitutas no país.

2 DASPU: UMA PARADA DE PUTA

A grife Daspu foi criada em 2005 por Gabriela Leite com o propósito de gerar recursos financeiros para as ações da ONG Davida, bem como para dar visibilidade ao movimento de prostitutas em sua luta pela autodeterminação da identidade de puta e do trabalho sexual, enquanto estratégia de combate o estigma e para o fortalecimento das demandas por reconhecimento da atividade como profissão. Daspu nomeia uma marca criada por putas (das putas)⁴ e faz alusão nítida a grife internacional Daslu. Em entrevista ao programa *Fantástico*, da Tv Globo, Gabriela Leite explica sobre a criatividade do nome em resposta a controvérsia com a Daslu: “Quero deixar bem claro que a palavra DAS é uma palavra da língua portuguesa, não é de propriedade de ninguém. O PU é nosso, é da nossa profissão” (LENZ, 2016, p.17).

A grife de putas rapidamente transcendeu as características de marca comercial, como mera distribuidora de artigos de vestuário e acessórios, para assumir uma dimensão político-estética-comunicativa fundamentais para o movimento organizado de prostitutas (LENZ, 2016). A Daspu desenvolve uma política cultural que atua em várias frentes: 1) na construção

³ O artigo resulta de uma parte do terceiro capítulo da tese de doutorado intitulada: Feminismos, sexualidade e trabalho: as controvérsias em torno do reconhecimento da prostituição como atividade profissional no Brasil. Naquele capítulo analisei o protagonismo do movimento de prostitutas no país, com ênfase no PL Gabriela Leite, nas políticas culturais do desfile Daspu e do *Putá Dei*, assim como no ativismo Putafeminista.

⁴ A criatividade do nome Daspu serviu de inspiração para a criação de outras marcas que também fazem alusão a grife Daslu. A exemplo disso, podemos citar a marca Daspre (abreviação de “Das presas”): um projeto iniciado no ano de 2008 em que mulheres em situação de privação de liberdade de São Paulo produzem e comercializam artigos de vestuário e outros produtos.

e na afirmação da identidade de puta, bem como para o fortalecimento da autoestima das trabalhadoras sexuais; 2) como canal de comunicação do Movimento com a sociedade e no estabelecimento de parcerias com diferentes entidades e organizações; 3) enquanto estética inovadora e desconcertante dos padrões de sexualidade e também do mundo da moda. Assim, cada uma dessas frentes, a sua maneira, expressa de forma interligada as demandas do movimento organizado de prostitutas por reconhecimento de direitos sexuais e trabalhistas, além do combate ao estigma que paira sobre a prostituição e sobre quem a exerce.

Elaine Bortolanza nos ajuda a elucidar esse aspecto quando diz:

[Daspu] não é uma grife para definir padrões e tendências da moda, mas sim abrir por meio da linguagem e da sexualidade uma brecha para as putas falarem por si mesmas. Deixar falar a nudez do desejo [...]
Quando as putas desfilam nos locais de prostituição ou nos espaços frequentados por artistas e pessoas ligadas ao mundo da moda, de uma certa maneira, há um estranhamento provocado pela irrupção de um gesto pornográfico fora do campo da prostituição (BORTOLANZA, 2007).

Nesta perspectiva, Daspu se constrói como moda engajada ao expressar o ativismo político do Movimento através da sua narrativa marcadamente presente nos produtos da grife e nas performances das passarelas do desfile. Assim, os produtos da marca vinculam um discurso político, buscando estabelecer uma relação com a sociedade e com os consumidores no que se refere à desconstrução de padrões normativos de sexualidade, prazer e erotismo, como nas estampas: “meu botão é mais embaixo”; “Somos más, mas podemos ser piores”; e nas estampas “mulher na cidade”, “cuzinho trans” e “cuzinho mulher” assinadas por Laerte. Igualmente, os produtos da grife sensibilizam para à legitimidade da luta por reconhecimento e direitos das prostitutas, como nas estampas: “Daspu moda pra mudar”; “Putas luta” e “Toda mulher é da vida”

Foto 1 - Putique, no bar/lanchonete/ocupação promovida pelo movimento de resistência “DELAS”, Rio de Janeiro.



Foto: VAZ SILVA, 2018.

Foto 2 - Manequins exibindo a camisetas Daspu com as estampas “Mulher na cidade” e “Toda mulher é da Vida”.



Foto: VAZ SILVA, 2018.

A partir de uma abordagem semiótica, Scheila Camargo (2007) nos mostra como as camisetas femininas *sui generis* da Daspu dão sentido e se articulam na relação com o corpo e seus movimentos, de modo que a roupa *em ato* - no *corpo* – produz discursos de cunho identitário que expressa o lugar social e político de uma coletividade específica, mas também desperta sentimentos de tentação e sedução por meio das cores, das estampas e dos arranjos criativos, como estratégia para persuadir consumidores em potencial que se identifiquem com a proposta da marca. Nesta perspectiva, os produtos Daspu vinculam um discurso político numa espécie de roupa-panfleto (CAMARGO, 2007) que gera significado e uma relação de afinidade com quem as percebe como discurso legítimo, tanto pelo reconhecimento das demandas de quem as produziu, quanto pelas demandas do próprio consumidor. Essas roupas e acessórios compõem o acervo das coleções produzidas para a Daspu por estilistas e por discentes de cursos de graduação em Design de moda e Design Gráfico de instituições universitárias (LENZ, 2016).

Os desfiles Daspu subvertem a lógica das passarelas da indústria da moda, uma vez que ocorrem a céu aberto, em ruas e praças muitas vezes localizadas na própria zona de prostituição ou as proximidades dela. Os desfiles em ambientes fechados resultam da parceria com diferentes entidades que “transam” com os princípios do Movimento, ocorrendo nos mais variados espaços como, por exemplo, clubes noturnos, escolas de samba, espaços de arte, vagão de trem, feiras de moda e congressos (LENZ, 2016).

Desta forma insinuante e inovadora, as passarelas Daspu assumem uma dimensão transgressora na medida em que subverte os padrões preestabelecidos de sexualidade e do

universo da moda, permitindo a grupos subalternizados expressarem através da linguagem corporal uma narrativa sobre si mesmos e sobre a moda. Assim, os desfiles se convertem em *passarelas-passeatas* que irradia afetos, glamour e irreverências em conexão com o ativismo político; ao passo que também promovem um *embaralhamento* dos modelos de sexualidade feminina (BORTOLANZA, 2007).

A respeito das torções e distorções que o movimento de prostitutas provoca por meio dessa política cultural, Elaine Bortolanza nos diz:

A figura da puta desfilando nas passarelas off das semanas de moda provoca um embaralhamento dos modelos de sexualidade feminina, de tal forma que não há mais como identificar quem é puta e quem não é. Mais do que isso, há um deslocamento intenso dos espaços até então reconhecidos como o lugar das lutas políticas. São forças de resistência se infiltrando nos vacúolos do capitalismo contemporâneo e provocando torções e distorções nos modos como o movimento social vem atuando (BORTOLANZA, 2007).

Em sua dissertação de mestrado Flavio Lenz (2016) nos mostra como o desfile Daspu promove uma espécie de *trottoir*⁵ que perturba e transgride as imagens e as representações sobre a prostituição. Nos termos do autor, os *desfiles-trottoir* da Daspu performam ao mesmo tempo moda, arte e ativismo, a fim de desafiar o estigma e a discriminação em torno da prostituição, mas também as noções de modelo e de corpo ideal que predominam no universo da moda e da mídia. Isto se materializa tanto na diversidade de gêneros, sexualidades e corpos que percorrem as passarelas, quanto pela dimensão erótica, irônica e comunicativa dos corpos e das roupas em evidência nos desfiles (LENZ, 2016). Assim, o autor enfatiza que os *desfiles-trottoir* emanam do encontro entre prostitutas e não-prostitutas ao promover uma partilha do sensível, das emoções e dos afetos, o que acarreta no fortalecimento de alianças e em intensa interação com o público, e resulta na afirmação da identidade social das putas. Para Lenz (2016), os desfiles buscam o sentido original do *trottoir* como a calçada de todas as pessoas, possibilitando uma experiência de igualdade e diversidade ao embaralhar as identidades e produzir uma redução ou até mesmo a dissolução do estigma de ser puta durante as performances.

Nesses anos junto ao movimento de prostitutas tive o privilégio de participar como colaborador em três desfiles Daspu, sendo que em uma dessas oportunidades também atuei como modelo, de maneira inesperada e improvisada em uma das performances do evento, experiência sobre a qual falarei mais adiante. Todas as participações ocorreram no ano de 2018:

⁵ Do francês, *trottoir* significa calçada. Com o tempo, o termo passou a expressar o “vai e vem” das prostitutas nas calçadas em busca de clientes.

em junho na cidade de Belém, na ocasião do Puta Dei Daspu; em novembro no Festival Mulheres do Mundo (WOW), no Rio de Janeiro; e no mês seguinte, em dezembro, no 2º Seminário Nacional de Prostitutas, realizado em João Pessoa.

A primeira experiência foi em Belém, onde atuei como colaborador “faz tudo”, contribuindo na divulgação do evento, auxiliando na infraestrutura de transporte das trabalhadoras sexuais e demais ativistas parceiros do Movimento; e até na montagem de som, palco, iluminação, dentre outras. Além disso, também fui um dos responsáveis pela curadoria da exposição fotográfica “Filhxs da PUTA: Afetos DA Vida”⁶. Na verdade, são apenas aqueles parceiros externos que executam funções mais específicas como, por exemplo, maquiagem, cabelo, fotografia, que acabam se detendo a uma única tarefa. Na maioria das vezes, os colaboradores internos ao Movimento atuam em diversas frentes, até mesmo em decorrência do quantitativo reduzido de pessoas.

Foto 3 - Puta Dei Daspu movimenta a noite no “quadrilátero do amor”



Foto: Cícero Pedrosa Neto, 2018.

⁶ Gostaria de agradecer imensamente a satisfação e o aprendizado em fazer parte deste projeto com Leila Barreto, Leandro Veiga, Lília Souza e Elaine Bortolanza. Falarei mais a respeito desta exposição no tópico seguinte sobre o Puta Dei.

Foto 4 - Leila Barreto e Paula Ramos em Performance na passarela do Puta Dei Daspu



Foto: Cícero Pedrosa Neto, 2018.

Na segunda experiência, no Rio de Janeiro, atuei mais nos serviços de camarim, selecionando e distribuindo as roupas e acessórios para as modelos; e no *backstage*, organizando as entradas e saída das modelos na passarela – o que me permitiu conhecer o desfile sob outra perspectiva. Protagonistas do evento, as putas se reúnem horas antes para escolher o *look* e se preparar para o desfile: roupas, acessórios, maquiagem e cabelo. Existe toda uma equipe de bastidores que dá suporte para que a *passarela-passeata* aconteça: colaboradores organizam a seleção e distribuição das peças a serem usadas por cada uma das putas-modelos; nos camarins improvisados, maquiadoras e cabelereiras trabalham em meio a um frenesi completo permeado de muitas conversas, piadas e gargalhadas. Noutro plano, profissionais atuam na montagem do palco e na estrutura de iluminação, além do DJ que realiza o teste de som e repassa o *set list* das músicas definidas previamente. Tudo isso como reflexo das *transas sociais e institucionais*⁷ enquanto característica marcante do Movimento, pois sem as articulações estabelecidas com os colaboradores e parceiros locais aonde os desfiles ocorrem, provavelmente eles não seriam possíveis.

⁷ Trata-se das ações e termos de cooperação que a Associação realiza em parceria com entidades governamentais e da sociedade civil. Essas transas significam um ato de transgressão tanto pela diversidade dos agentes com quem se estabelecem relações, quanto pela postura política assumida pela Associação diante das demandas que lhe são atribuídas, sobretudo, as que advêm do Estado (BARRETO, 2016).

Não obstante, a grife ser das putas e as mesmas serem protagonistas no evento, não são apenas elas que circulam nas passarelas. Os desfiles primam pela pluralidade de participantes-modelos: ativistas, colaboradores e até mesmo algumas personalidades da mídia já desfilaram pela Daspu, além das próprias putas-modelos. Os gêneros, as sexualidades e os corpos são diversos: mulheres e homens cis, mulheres e homens trans, travestis; gays, lésbicas e héteros; negros, brancos e mestiços; gordos e magros; jovens, adultos e idosos; “andantes” e cadeirantes. Toda a expertise erótica e o acervo de sedução utilizado pelas putas na zona são agenciados e adequados a performance corporal no desfile: os olhares, as piscadelas, os gracejos, uma gama complexa gestual de caras, bocas e movimentos expressam e ressignificam naquele contexto ritual o que é ser puta para as próprias trabalhadoras sexuais, para as modelos não-prostitutas e também para o público que prestigia o evento.

Foto 5 - Lourdes Barreto e Indianara Siqueira na abertura da passarela Daspu no WOW



Foto: Flávia Viana, 2018.

Foto 6 - Lourdes Barreto e Indianara Siqueira em performance na passarela Daspu no WOW



Foto: Flávia Viana, 2018.

Em minha terceira experiência com o desfile Daspu, em razão de ter colaborado no mês anterior para a passarela-passeata do WOW, foi designado a mim pela APROS-PB estabelecer o canal de comunicação com Elaine Bortolanza (coordenadora da Daspu à época), enquanto ela não chegava para se integrar a organização do evento em João Pessoa-PB. Desde São Paulo, Elaine repassava os encaminhamentos necessários para o estabelecimento de parcerias, e coube a Breno Marques e a mim as tratativas iniciais para viabilizar o lugar para o desfile, a equipe de maquiagem, fotógrafos e um conjunto de colaboradores locais para fazer acontecer o desfile

na capital paraibana. Apesar das dificuldades para firmar parcerias e com poucos recursos financeiros para a produção, a passarela Daspu foi destaque na programação e abrilhantou o encerramento do 2º Seminário Nacional de Prostitutas.

O desfile aconteceu na Praça Antenor Navarro, contíguo a zona de prostituição situada no centro histórico de João Pessoa. A casa de eventos Hera Bárbara disponibilizou sua infraestrutura para montagem de camarim, som e iluminação. Mas, tal como ocorrera em Belém, a passarela extravasou para a rua e atraiu os boêmios e transeuntes do entrono. Um dos momentos mais marcantes foi o *trottoir* provocado por Betânia Santos ao desfilar com uma almofada vermelha com a frase “Lula Livre”, em protesto a ilegalidade da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sob o frisson e aplausos do público presente, Betânia estava ativa e plena em sua performance.

Foto 7 - Luza Marya na abertura da passarela Daspu em João Pessoa



Foto: Marcel Vaz, 2018.

Foto 8 - Betânia Santos em performance na passarela Daspu em João Pessoa



Foto: Marcel Vaz, 2018.

Foram muitos os momentos marcantes naquela noite que eu teria dificuldade para descrevê-los aqui. Eu acompanhava tudo da plateia, que a cada performance vibrava e, assim, estimulava as modelos e contribuía para dar o tom ao desfile. Cida Vieira⁸ entra na passarela, ela encena a *dominatrix*⁹ – prática que é sua especialidade profissional no âmbito do trabalho sexual. Quando não mais do que de repente, Cida me puxa para a passarela – fiquei meio atônito

⁸ Principal liderança da Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG).

⁹ O termo é utilizado para designar a mulher que desempenha o papel de dominação em práticas de bondage e disciplina; dominação e submissão; e sadomasoquismo.

e sem saber o que fazer a princípio. Ela inicia o processo de dominação me fitando com um olhar sedutor e, em seguida, com um chicote vermelho sou conduzido à um banco que compunha o cenário – não sei dizer se ele já estava lá ou de onde ele surgiu. A partir de então, fiquei em êxtase e sob o controle das práticas de dominação performadas por Cida, e quando menos percebi já estava totalmente à vontade encenando com ela um quadro de fetiche sadomasoquista no desfile. Ao final, inseguro como de costume, perguntei para as amigas se havia me saído bem, ao que disseram – sob risos – que fui aprovado.

Na dimensão individual, esse desfile Daspu foi bastante significativo, pois foi a minha primeira participação como modelo, mesmo que eu não tivesse a intenção de desfilar e tenha sido pego de surpresa, o que contribuiu ainda mais para marcar essa experiência. Assim, posso dizer que minha terceira experiência com o desfile Daspu foi mais intensa, tanto pelas características das atribuições delegadas a mim, quanto pela possibilidade de vivenciar situações e sensações nunca vividas antes e que me tiraram de uma zona de conforto de quem está sempre disposto a colaborar, mas não se permitia sair dos bastidores.

3 O PUTA DEI

O Puta Dei é uma política cultural do movimento organizado de prostitutas do Brasil, tendo sido criado em 2012 pelo GEMPAC. De forma criativa e irreverente, o nome Puta Dei estabelece um trocadilho com as palavras *day* do inglês (que significa dia) e *dei* do português (conjugação do verbo dar). A ação faz alusão ao protesto de 150 prostitutas que ocuparam a igreja Saint-Nizier no dia 02 de junho de 1975, na cidade de Lyon na França, a fim de denunciar as situações de discriminação e violências praticadas pelo Estado. Desde 1976 celebra-se anualmente a data como o dia internacional das prostitutas.

O Puta Dei se insere no conjunto de ações de *comunicação da esquina*¹⁰ desenvolvido pelo movimento de prostitutas, no intuito de dar visibilidade as suas demandas ao ressignificar o ativismo político e aproximá-lo das próprias trabalhadoras sexuais; além de atingir outros segmentos da sociedade, parceiros em potencial no combate ao estigma e na luta por direitos das prostitutas. Assim, o Puta Dei surge no bojo do projeto “Zona de Direitos”¹¹, em que se constatou que apesar do avanço na conquista de alguns direitos nas últimas décadas, o índice

¹⁰ Visa demarcar o lugar do movimento organizado de prostitutas como o próprio comunicador de suas ações enquanto estratégia de autonomia e de comunicação com os pares e com a sociedade, a fim de modificar as ideias negativas sobre prostituição e ressignificar o ativismo político do movimento de putas (VAZ SILVA, 2021).

¹¹ Este projeto foi financiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos.

de violências sofridas pelas trabalhadoras sexuais na região metropolitana de Belém era bastante elevado, sobretudo nas áreas centrais da cidade e nos pontos de prostituição próximo as estradas (GEMPAC, 2011). Como alternativa a este cenário alarmante, o GEMPAC investiu em uma comunicação que pudesse ser mais efetiva com/entre as prostitutas, mas também com a sociedade. Desta iniciativa, cria-se o Núcleo de Comunicação do GEMPAC com o desígnio de reforçar a incidência política da Associação por meio da disseminação de informações, através de uma mídia própria ao alcance das trabalhadoras sexuais nas zonas de prostituição, visando inseri-las no contexto das tecnologias de informação e comunicação.

Na primeira edição do Puta Dei, em junho de 2012, foi apresentado aos participantes do evento o *Blog das Esquinas* e a mostra sonora *Zona de Direitos*, com o propósito de desmistificar a prostituição e proporcionar outra perspectiva de compreensão sobre a prática¹². Essas atividades resultaram da atuação do Núcleo de Comunicação como fruto de uma curadoria a respeito das notícias relacionadas à prostituição ao longo dos anos de atuação do GEMPAC junto às trabalhadoras sexuais. A programação também contou com o lançamento da campanha: “*Não deixe a Luz da esquina se apagar*”, sinalizando para os processos de invisibilização das trabalhadoras sexuais em meio a inúmeras violências e preconceitos sofridos no exercício da profissão.

Em 2013, com o tema *Multiplidade*, em sua segunda edição, o Puta Dei buscou agregar várias expressões artísticas locais a sua programação, explorando as diferentes possibilidades de linguagens na interseção entre arte e política – o que viria a se constituir como uma marca característica do evento. Naquele ano, foi lançada a campanha: “*Já temos ocupação, agora queremos legalização!*”, com o objetivo de divulgar a conquista alcançada com o reconhecimento da categoria “profissionais do sexo” pela Classificação Brasileira de Ocupações aquela época (Brasil, 2013), além de convidar os participantes a conhecer e refletir sobre as demandas pela legalização da prostituição no Brasil.

¹² As próprias prostitutas foram protagonistas na criação do blog e outros conteúdos audiovisuais para contar a história do Movimento, divulgar informações de interesse público; bem como fazer denúncias sobre violências sofridas.

Figura 1 – Cartaz de divulgação da Programação do Puta Dei 2012



Fonte: Blog das Esquinas.

Figura 2 – Arte da divulgação do Puta Dei 2013



Fonte: Blog das Esquinas.

A partir de 2014, o Puta Dei deixou de ser um evento exclusivo do GEMPAC e passou a ser realizado por outras associações de prostitutas em diferentes cidades do país: Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo e Campinas. Em Niterói e São Paulo, por exemplo, o evento marcou o lançamento da coleção Daspu na Copa, apresentando as roupas e acessórios da grife produzidos para o mundial no Brasil. Já em Campinas, além do desfile a Associação Mulheres Guerreiras também promoveu um debate sobre a regulamentação da prostituição¹³, atividade integrada ao I Seminário “Direitos das Profissionais do Sexo – Conquistas e Desafios” (MENDONÇA, 2017). O êxito desta política cultural foi tão grande que com o passar dos anos a quantidade de versões deste evento só aumentou, a ponto de se constituir na atualidade como um dos momentos de maior visibilidade para o movimento organizado de prostitutas no país.

¹³ Um dos processos fundamentais do protagonismo do movimento de prostitutas organizadas na empreitada pela conquista de direitos trabalhistas no Brasil foi a elaboração do O Projeto de Lei nº 4.211/12, em parceria com o ex-deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). Mais conhecido como PL Gabriela Leite, o projeto pretendia se constituir em instrumento legal para viabilizar a conquista de direitos em diversos âmbitos da vida das profissionais do sexo no Brasil, além de contribuir para o combate ao estigma que persiste em marginalizar a prostituição. Para isto, o PL visava regulamentar a atividade de profissionais do sexo no país e retirar da ilegalidade as casas de prostituição transformando-as em empresas que podem ser fiscalizadas pelo Estado. Contudo, com a renúncia de Jean Wyllys do cargo de deputado federal, o PL Gabriela Leite foi arquivado em 31 de janeiro de 2019, de acordo com os termos do Artigo 105 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

Acima de tudo, o Puta Dei é um ato político: uma política cultural inovadora e de resistência, constituída por múltiplas linguagens que transgridem e desestabilizam os padrões preestabelecidos de moralidade. A irreverência e a criatividade são características marcantes do ato e se expressam através do discurso, do corpo e da sexualidade, atravessados pela interlocução entre o lúdico, a arte e a política. Com nomes sugestivos, “pega fogo, cabaré”, a programação é bastante diversificada com apresentação de performances, saraus, exposições fotográficas e atrações musicais.

A exemplo disso, podemos citar a “Oficina de Palavrão”, em que se discute a origem e o significado de algumas expressões ofensivas e pejorativas relacionadas a prostituição, como “filho da puta”, “puta que pariu”, dentre outras. Assim, esta atividade permite refletir sobre as vicissitudes que vinculam trabalho e vida pessoal por meio das experiências de criação dos filhos, da convivência em família e das histórias de vida das trabalhadoras sexuais. A “corrida da calcinha”¹⁴ é uma das atividades mais tradicionais e aguardada na programação do evento. A corrida consiste em percorrer algumas ruas do “quadrilátero do amor” fazendo uso da calcinha como peça íntima, seja por cima da roupa ou vestida na cabeça. A competição ocorre em três categorias: feminina, masculina e LGBT, e os vencedores recebem como premiação medalhas e galinhas ou patos. Outras atividades como a “Oficina de strip-tease”, permeada de erotismo e sensualidade, levam o público ao êxtase e atinge o seu ápice com a demonstração da “técnica de colocar o preservativo masculino com a boca”.

Desta forma, através do Puta Dei são tecidos novos significado sobre prostituição e ativismo por meio daquilo que Laura Murray (2015) denomina de *puta politics* (política de puta), em que a sexualidade e o corpo são utilizados para subverter o “imoral” e o “inapropriado” em algo visível e político. A própria autora nos ajuda a apreender melhor a noção de *puta politics*, a partir de três características que ela considera fundamentais:

Utilizar o humor e o prazer para desafiar o que é percebido como não apropriado e/ou imoral, incluindo o uso dos próprios corpos como campo de resistência; romper hierarquias e focar na importância de estruturas se adaptarem à cultura da prostituição, ao invés do contrário; e em terceiro, sustentar certos sistemas, enquanto destrói outros, borrando e criando limites ao mesmo tempo. A ambiguidade, flexibilidade e imprevisibilidade estratégica são suas maiores forças (MURRAY, 2016, p.12).

¹⁴ A primeira edição da “corrida da calcinha” foi promovida pela APROS-PB como programação em alusão ao dia internacional das prostitutas, sendo realizada na cidade de João Pessoa em 2007. De lá também surgiu a ideia de premiar os vencedores com animais como, por exemplo, bodes, galinhas, cordas de caranguejo, dentre outros. O sucesso da “corrida da calcinha” fez desta gincana uma tradição comum praticada por inúmeras associações de prostitutas do país.

É interessante perceber como as trabalhadoras sexuais do GEMPAC encontraram na ludicidade e na irreverência a potência política para abordar sobre dilemas e demandas da profissão com o próprio segmento, com o Estado e com a sociedade de modo geral. Vele ressaltar que a iniciativa do Puta Dei nasce justamente da necessidade de comunicar para transformar um contexto de opressão marcado por inúmeras violências, a fim estreitar ou mesmo possibilitar novas *transas sociais e institucionais* que contribuam para uma *Zona de Direitos*. Portanto, o Puta Dei enquanto *puta politics* se constitui em um manejo estratégico para dar vazão as demandas das trabalhadoras sexuais através de uma política cultural *sui generis* que desafia os padrões de gênero e sexualidade ao buscar eliminar as hierarquias e as divisões entre a sociedade, as instituições e as *esquinas* (MURRAY, 2016).

Como já havia dito no tópico anterior, pude colaborar na organização do Puta Dei Daspu 2018, em Belém. Esta edição do evento foi intitulada “Por uma Zona Legal”, em referência ao projeto de mesmo nome, implementado pelo GEMPAC no ano anterior¹⁵. A programação foi bastante diversa e contou com a participação de trabalhadoras sexuais de várias associações ligadas a RBP. Lembro-me das pessoas comentarem que este Puta Dei foi o que conseguiu reunir o maior número de lideranças da Rede, além da empolgação devido ser a primeira vez em que o desfile Daspu ocorreria na cidade. Para o evento vieram: Vânia Rezende e Nancy Feijó da Associação Pernambucana de Profissionais do Sexo (APPS); Betânia Santos, da Associação Mulheres Guerreiras, de Campinas-SP; Edna Maciel, da Associação de Mulheres Profissionais do Sexo do Estado do Amapá (AMPSAP); Tina Rovira, do Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP), de Porto Alegre-RS.

A grande anfitriã, Lourdes Barreto¹⁶, fez o discurso de boas-vindas a todos os presentes e celebrou a abertura do evento com o “Ritual Puta Dei nas Esquinas: Despachos de Amor, Afetos e Políticas”. Adquiridas diretamente com as erveiras do Ver-o-Peso, algumas plantas e ervas características da região amazônica – as quais se atribuem poderes curativos eficazes para tratar diferentes mazelas de natureza física, emocional e espiritual – foram amassadas e

¹⁵ Este projeto visava implementar experiência de ativismo jurídico alternativo para trabalhadoras sexuais cisgêneras e transgêneras da região metropolitana de Belém-PA. Sua área de cobertura abrangia quatro grandes áreas de prostituição: Central, Reduto, São Brás e Marituba. As ações pretendiam identificar o quadro de violações de direitos a que são submetidas as trabalhadoras sexuais e buscar parcerias junto a setores do Estado e organizações da sociedade civil, a fim de formar agentes em gênero e direitos no trabalho sexual para atuarem nas áreas delimitadas no projeto (GEMPAC, 2017).

¹⁶ Lourdes Barreto é uma das fundadoras, em parceria com Gabriela Leite, da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP) e figura, na atualidade, como a principal liderança do movimento de prostitutas no país.

banhadas em água para atrair e emanar energias positivas, deixadas em um alguidar de barro a disposição daqueles interessados em purificar-se através de ablução.

Figura 3 – Arte da divulgação do Puta Dei Daspu 2018



Fonte: Blog das Esquinas.

Figura 4 – Cartaz de divulgação da Programação do Puta Dei Daspu 2018



Fonte: Blog das Esquinas.

Durante cerca de um mês, alguns colaboradores do Movimento ficaram responsáveis por coletar e selecionar material fotográfico das trabalhadoras sexuais e de algumas ativistas parceiras, com suas filhas e filhos, netos, bisnetos, etc., no intuito de organizar uma exposição que retratasse a dimensão familiar dessas mulheres, marcada profundamente por afetos, cuidados e dedicação em relação aquilo que elas consideram o bem mais precioso de suas vidas: a família. Daí surge a mostra fotográfica “Filhxs da PUTA: Afetos DA Vida”, como uma das atividades da programação do Puta Dei Daspu. A exposição contou com 17 fotografias e um texto de apresentação escrito por Leila Barreto¹⁷. Permito-me reproduzir a apresentação aqui:

¹⁷ Filha de Lourdes Barreto, Leila é uma das lideranças do movimento de prostitutas do país. Conheci Leila em 2016 nas reuniões de planejamento do GEMPAC, quando ainda exercia ativismo pela RBP. Atualmente ela atua como técnica de referência em prevenção no Departamento de Doenças de Condições Crônicas e IST do Ministério da Saúde.

Filhxs da PUTA: Afetos DA Vida

Cedo eu aprendi que falar sobre a vida ou o trabalho de minha mãe causavam incômodos aos que ouviam.
Atitudes que me chocavam e me levaram a ser parte inteira da luta delas por respeito.
Em 1989 no Rio de Janeiro falei pela primeira vez essa verdade com minha timidez e força: Sou filha da puta o maior palavrão do mundo!
Para além de discursos e entendimentos, simples assim afirmo minha ativa existência no mundo: Existimos no afeto e poder delas!
Meu lugar de fala é todo o significado e o porquê dessa exposição de fotografias.
Tenho muito a dizer e sei que minha luta está longe de ser entendida e aceita
Que os retratos de meus manos da Vida falem
Minhas palavras ecoam nas imagens como uma afirmativa que existimos, somos muitos, diversos em vivências e silêncios. Frutos delas ou dos seus - Seus afetos
Cerimônias, encontros e desafios. Cheiros de leites, risadas infantis e gozos-dores maternos – das que ousam serem putas e mães. Ou amigos delas.
Sei na minha sensível trajetória que essas identidades femininas tudo aguentam, inclusive esse papel social que idealiza a sociedade sobre mães – ou sobre putas.
Elas nunca aceitaram que mexam com seus filhos
Assim nos recolhem em seus regaços, nos escondem – protegendo-nos na negação da sua própria história e identidade.
Estarmos juntos faz não apenas dar novos significados aos papéis idealizados ou postos. Talvez a única possibilidade de não nos perdermos nas armadilhas do estigma.
Não há problema algum de me chamar de filha da puta – esse potente palavrão. Apenas respeitem nossas mães.
Leila Barreto
Filha da puta, Belém 29 de junho de 2018.

Mais que uma apresentação de curadoria, percebemos a profundidade e a potência da narrativa de Leila Barreto, que remete não apenas a sua experiência em particular, mas expressa a dimensão de inúmeras trajetórias vividas e sentidas por aquelas pessoas que compartilham dos afetos e dos estigmas por serem filhos da puta (no sentido literal do termo) – “o maior palavrão do mundo!”. Ao invés de se resignar, Leila Barreto e tantas outras que partilham dessa experiência em comum escolheram, senão por meio do ativismo político junto às trabalhadoras sexuais, mas por outros caminhos, ressignificar o lugar e o papel social relegado pela sociedade a essas mulheres; histórias marcadas e construídas, sobretudo, por resistências, amores e afetos.

Um dos momentos mais marcantes do evento foi o ato simbólico de “inauguração da Rua Lourdes Barreto”, com a fixação de um cartaz representando a placa que dá nome à rua, colado por Betânia Santos na faixa de um dos casarões do bairro da Campina, na esquina

entre as ruas Padre Prudêncio e General Gurjão, em frente à sede do GEMPAC. Subversivo como não haveria de ser diferente, o ato sugere a substituição de nomes que homenageiam um general e um padre pelo nome de uma puta, considerando todo o legado político e social de Lourdes Barreto em favor da luta por direitos e cidadania das trabalhadoras sexuais e de preservação do bairro, uma vez que a “zona” histórica de Belém insiste em (r)existir neste território.

Foto 09 – Ato simbólico de Inauguração da Rua Lourdes Barreto



Foto: Cícero Pedrosa Neto, 2018.

Foto 10 – Lourdes Barreto em ato simbólico de inauguração de rua que leva o seu nome



Foto: Cícero Pedrosa Neto, 2018.

Outro momento que merece destaque foi o “Ato Puta Dei: Todxs por uma Zona Legal”, que reuniu as cinco lideranças do movimento organizado de prostitutas vinculadas a RBP que vieram participar do evento, assim como Lourdes Barreto representante do GEMPAC e Leila Silva representando a SEJUDH-PA. Neste momento as lideranças fizeram um resgate da história de 30 anos do movimento organizado de prostitutas no país, falando sobre sua origem, dilemas, conquistas e desafios. Em uma conversa bastante extrovertida essas mulheres falaram sobre as vicissitudes do trabalho sexual, suas expertises e alguns “causos” ocorridos ao longo de suas trajetórias na profissão.

Certamente, o momento mais aguardado daquele dia foi o desfile Daspu, pois pela primeira vez em Belém estava debutando na programação do evento. Como dissemos no tópico anterior, o desfile preza pela inclusão e diversidade dos gêneros, corpos e sexualidades; ainda que as putas sejam as protagonistas, a passarela também se faz com não-putas, colaboradores e ativistas do Movimento. Destaque para os desfiles de Liah, Amélia Garcia, Cinderela, Vitória

Margalho, Domingas e Silvia Lilia, que com charme, sensualidade e uma dose de timidez estrearam na passarela e contribuíram para abrilhantar aquela noite.

Foto 11 – Ato Puta Dei: Todxs por uma Zona Legal. Sentadas, da esquerda para a direita: Nancy Feijó e Vânia Resende (APPS), Lourdes Barreto (GEMPAC), Maria Silva (Ex-GEMPAC). Em pé, atrás de Maria Silva, Tina



Foto: Cícero Pedrosa Neto, 2018.

Após o desfile, a programação seguia com apresentação do grupo Cobra Venenosa, quando por volta das 23 horas uma patrulha da Polícia Militar que fazia a ronda no bairro da Campina ordenou que o som fosse desligado e o encerramento do evento, sob a alegação de que o Comando da Polícia daquela região não havia recebido a documentação de autorização para realização daquele evento em via pública. Ainda que o evento tivesse toda a documentação necessária obtida junto a Prefeitura Municipal de Belém para que pudesse ocorrer naquele espaço e horário, e mesmo com todo o esforço de diálogo não houve entendimento com o comandante responsável pela patrulha, exemplificando os limites da empatia destinada às prostitutas em função da atividade que exercem (PISCITELLI, 2016). Infelizmente, o evento teve que ser encerrado desta forma, antes mesmo da conclusão de sua programação e sob a truculência da Polícia Militar do estado do Pará. Tal fato figura como mais um exemplo da relação ambígua e conflituosa entre o Estado e o movimento de prostitutas, em que os agentes estatais possuem relativa autonomia para moldar o acesso à direitos e cidadania das trabalhadoras sexuais considerando os seus próprios interesses (MURRAY, 2015).

4 CONSIDERAÇÕES

A história do movimento de prostitutas no Brasil é atravessada pelo enfretamento de estigmas, pela busca de reconhecimento social e luta por direitos e cidadania. Ainda que o movimento de prostitutas tenha alcançado conquistas ao longo desses pouco mais de 30 anos, o cenário atual é bastante desafiador: marcado por retrocessos na esfera dos direitos sociais e pelo avanço conservador no país, considerando as demandas por direitos sexuais e trabalhistas pautada pela categoria. Engana-se quem pensa que isso paralisa ou torna o Movimento dependente das políticas governamentais. Ao contrário, é justamente em contextos desfavoráveis que as trabalhadoras sexuais mobilizam sua expertise para encontrar alternativas de superação. Desfile Daspu e Puta Dei representam essa capacidade de invenção e ressignificação do ativismo, se tornando políticas culturais relevantes exatamente porque desafiam com potência criativa o cerne dos estereótipos e moralidades reguladoras que persistem em invisibilizar a prostituição e silenciar as putas.

Como pode ser visto ao longo do texto, o desfile Daspu e o Puta Dei tem se constituído como políticas culturais fundamentais para a incidência política do movimento de prostitutas no Brasil, uma vez que expressam a autodeterminação das prostitutas a partir da relação entre os corpos, as práticas culturais e o ativismo. O desfile Daspu faz da passarela um espaço de transgressão ao possibilitar uma experiência de igualdade e diversidade, opondo-se a lógica de padronização dos corpos que predomina no universo da moda e da mídia; além de embaralhar as identidades entre putas e não-putas e, principalmente pela irrupção provocada pelo ato em si, questionando o lugar social da prostituição e da putas (BORTOLANZA, 2007; LENZ, 2016). Por sua vez, o Puta Dei busca explorar as diferentes possibilidades de linguagens, permeadas de ludicidade, arte e política, que transgridem e desestabilizam padrões preestabelecidos de moralidade. Enquanto política de putas, o desfile Daspu e o Puta Dei, cada qual ao seu modo, tencionam noções sobre corpo, sexualidade, e a forma de se fazer ativismo político, subvertendo o “imoral” e o “inapropriado” em algo visível e político (MURRAY, 2015).

Para finalizar, se faz necessário enfatizar o caráter *sui generis* das políticas culturais do movimento de prostitutas no Brasil. Tanto o desfile Daspu, quanto o Puta Dei, desafiam o estigma e a discriminação sobre a prostituição de maneira criativa e irreverente por meio da interseção entre arte e política. O ativismo das trabalhadoras sexuais no Brasil é fluído e segue ao gingado das “transas sociais e institucionais” (BARRETO, 2016), pelas quais o movimento de prostitutas se articula e se relaciona com entidades governamentais e da sociedade civil. A

dimensão político-estética-comunicativa tem se constituído como uma estratégia expressiva para a incidência do movimento de prostitutas no país, e através dessas duas políticas culturais tem expandido a comunicação de seus princípios e de suas demandas a um público amplo e diversificado, permitindo ampliar o seu campo de atuação e fortalecer a agenda de direitos e o protagonismo das trabalhadoras sexuais no debate público.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Leila Suely Araújo. **Prostituição, A História Recontada:** Transas Sociais e Institucionais em Belém. (Especialização em Educação em Direitos Humanos e Diversidade). Instituto de Ciências Jurídicas, UFPA. Belém, 2016.

BORTOLANZA, Elaine. **As passarelas passeatas da Daspu.** Site: www.eroticomia.blogspot.com/2007/10/as-passeiras-passeatas-da-daspu.html. 2007. Acessado em 02/09/2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTECBO). **5198: Profissionais do sexo. Classificação Brasileira de Ocupações.** mtecbo. gov.br. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimentacao.jsf> Capturado em 18 de outubro de 2013.

CAMARGO, Scheila Fátima Giacomazzi. **A Roupas- Panfleto DASPU** – anotações sobre um canal de comunicação, 2007.

GEMPAC. **Zona Legal:** futuros feministas e de direitos das trabalhadoras sexuais brasileiras. (Projeto). Belém-PA, 2017.

_____. **Zona de Direitos.** (Projeto). Belém-PA, 2011.

LENZ, Flávio. **Transgressões no imaginário da prostituição nos desfiles-trottoir da grife Daspu.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Comunicação, UERJ. Rio de Janeiro, 2016.

MENDONÇA, Carolina Camarotto. "PUTA DEI" E AS ORGANIZAÇÕES COLETIVAS DE PROSTITUTAS. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.

MURRAY, Laura Rebecca. Uma reflexão histórica, teórica e etnográfica sobre o ativismo de prostitutas no Brasil. In: **30 ABA: POLÍTICAS DA ANTROPOLOGIA: ÉTICA, DIVERSIDADE E CONFLITOS**, 30, 2016, João Pessoa. Anais..., João Pessoa: UFPB, 2016, p. 1-14.

_____. **Not Fooling Around: The Politics of Sex Worker Activism in Brazil.** Tese (Doutorado). Universidade de Columbia, 2015.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta**. Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Conhecimento Antropológico, Arenas Políticas, Gênero e Sexualidade. **Revista Mundaú**, nº 1, pp. 73-90, 2016.

SKACKAUSKAS, Andreia. **Prostituição, Gênero e Direitos**: noções e tensões nas relações entre prostitutas e pastoral da mulher marginalizada. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas-SP, 2014.

VAZ SILVA, Tiago L. Coelho. O significado de prostituição em disputa e a incidência política do movimento de prostitutas no Brasil. In: NAUAR, Ana Lúcia; VAZ SILVA, Tiago L. Coelho; QUINTELA, Rosângela da Silva (ORGS). **Gêneros, Corpos e Sexualidades em Contextos Contemporâneos**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2021.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica,

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Incentivamos os autores a tornarem seus dados de pesquisa disponíveis de forma aberta. Isso promove a transparência, permite a reutilização dos dados por outros pesquisadores e fortalece a base de evidências científicas.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da [Crossref](#).



PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



HISTÓRICO

Submetido: 30 de julho de 2025.

Aprovado: 18 de dezembro de 2025.

Publicado: 29 de dezembro de 2025.